ANO II — Lisboa—Sabado, 5 de Outubro, de 1918 — N.º 485

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA» — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Oliveira, 154

Editor — João A. Santos

Telefone: C. 1033

OITO ANOS DEPOIS...

Um ano mais passa sobre o dorso já alquebrado da republica portugueza. Comememol-o nós tambem, lançando para a fogueira onde crepitam os entusiasmos republicanos algumas achas de lenha, que serão neste oitavo aniversario como que o nosso ultimo depoimento sobre o regimen que nos desgoverna.

O processo da republica encontra-se já feito.

Filha da Maçonaria,—ela seria a guerra aberta contra a consciencia catolica de Portugal; filha da Democracia,—ela seria a perversão da ordem social, o desiquilibrio da sociedade, a pulverisação das energias nacionaes.

A Maçonaria e a Democracia,—eis os dois principios onde nós podemos filiar toda a obre nefasta destes oito anos de constitucionalismo republicano. Na ordem moral a republica não podia deixar de ser o principio gerador das discordias em que se debate a sociedade portugueza; o oiro maçonico, canalisado pelas mãos do extrangeiro do exterior, e depois pelas do extrangeiro do interior, é bastante potente para conseguir estabelecer a guerra onde só existia a paz, lançando contra a nação os seus mais irreductiveis adversarios.

Na ordem politica, filha da Democracia, a republica não é nem pode ser mais do que a desorganisação nacional, mas uma desorganisação organisada, porque é a a congestionação da Nação em Lisboa, emquanto que as provincias agonisam sem ter quem por elas solte um alto brado de alerta, emquanto que se desprezam os Municipios e se deixa ao Deus dará o Portugal-Nação para se tratar apenas de fortelecer o Portugal-Burocrecia.

De que forma pode a republica corresponder aos sentimentos da Nação? De forma alguma! A Nação é a Monarquia, a Nação é a Egreja,—e a republica, substituindo-se á primeira e repudiando a segunda, não fez mais do que divorciar-se da consciencia da Nação. Pode mesmo afirmar-se que Portugal não quer a republica, assim como não quiz a carta e o constitucionalismo. Se em Portugal o constitucionalismo conseguiu ser governo deve-o ao dinheiro extrangeiro, deve-o aos homens d'armas extrangeiros, deve-o aos portuguezes sensagados que luctavam por derrubar em Portugal as instituições de seis seculos,—deve-o, numa palavra, á força occulta da Maçonaria, a força desnacionalisadora que mandou uma delegação cumprimentar Junot a Sacavem!

Por outro lado, quem foi que implantou em Portugal a republica? No seu relatorio sobre a revolução de 5 de Outubro o sr. Machado dos Santos declara terminantemente que foi tambem a Maçonaria. De forma que a historia da republica, como, de resto, a historia do constitucionalismo, está vergonhosamente vinculada aos *bas-fonds* da Maçonaria, e como tal em luta continua contra Portugal. Dum lado temos o espirito portuguez, a Nação Portugueza, doutro temos o espirito maçonico, a Maçonaria Universal,—sendo entre esses dois principios fundamente opostos e irreductivelmente inimigos que se trava actualmente a lucta em Portugal.

Implantada em 5 de Outubro de 1910, a republica vinha-se no entanto já de ha muito impondo como uma conclusão fatal do Liberalismo monarquico. O Constitucionalismo, cheio de vicios originaes, acabou apodrecido, apodrecendo os alicerces do Trono, cavando a ruina da Realeza. A' volta do Trono era sempre a mesma sede de intrigas, a mesma cadeia de odio mesquinhos, dirigindo a Monarquia para um abismo,—abismo aberto e escancarado depois por mãos traiçoeiras, por verdadeiras e vergonhosas traições. E assim, na manhã nefasta de 5 de Outubro a Monarquia tombou aos pés da Republica, e um Rei foi exilado, proscripto, depois de o impedirem de se colocar á frente do movimento contra-revolucionario.

* * *

Veio a republica. Monarquicos de ontem, alguns dos antigos sustentaculos do Trono, correram em massa a fazer a sua profissão de fé republicana. Consumava-se o facto: a republica, que eles sonhavam como o melhor regimem que poderia governar um pais, implantou-se em Portugal. Que caminho mais logico teria a massa constitucional do que este de aderir á republica?

Ela não era monarquica. Servia a Monarquia, servia o Rei,—mas era republicana. O Constitucionalismo é o caminho da Republica.

Quem entra nele, quem o defende, quem por ele lucta, não é outra coisa senão republicano.

Serve-se a Monarquia? Serve-se o Rei? E' certo, ou antes, seria certo, se alguma vez se podesse realizar tal paradoxo.

Mas que importa isso, se na hora em que é preciso fazer o ultimo sacrificio, na hora em que a Monarquia ameaça cair, os constitucionaes tráem o seu Rei e a sua Patria, traindo a Monarquia? Se na hora do ultimo sacrificio eles aplaudem a Republica?

Ha excepções? Ha, certamente. Ha homens que não se envolveram no lamaçal da traição, e que, depois, não acompanharam a onda das adesões ao novo regimen.

Mas isso não impede que ao Constitucionalismo pertença a responsabilidade tremenda de ter traído a Monarquia,—primeiramente aceitando a Republica em principios, depois acatando-a em *facto*.

Consolidada a republica, é então que a derrocada final começa. Agravam-se todos os males que a monarquia nos deixára, outros nascem trazidos pela incompetencia dos homens e do regimem, e no fim, todos juntos, caminham com Portugal apressadamente para uma louca cavalgada de perdição. Desconhece-se o sentido das verdades tradicionaes da nação, mas desconhecem-se forçadamente, em obediencia aos principios estrangeiros, cujo geometrismo é quem tudo orienta e quem tudo ordena. Desprezam-se os ensinamentos do Passado, os ensinamentos do Portugal velho, para se entrar no caminho duma soez imitação de tudo quanto em França se faz em materia legislativa e em materia propriamente politica. Entra-se no caminho das violencias, das represalias, das perseguições, porque acima de tudo é preciso que a republica se mantenha,—e a republica só se mantem tiranisando e esmagando os seus adversarios.

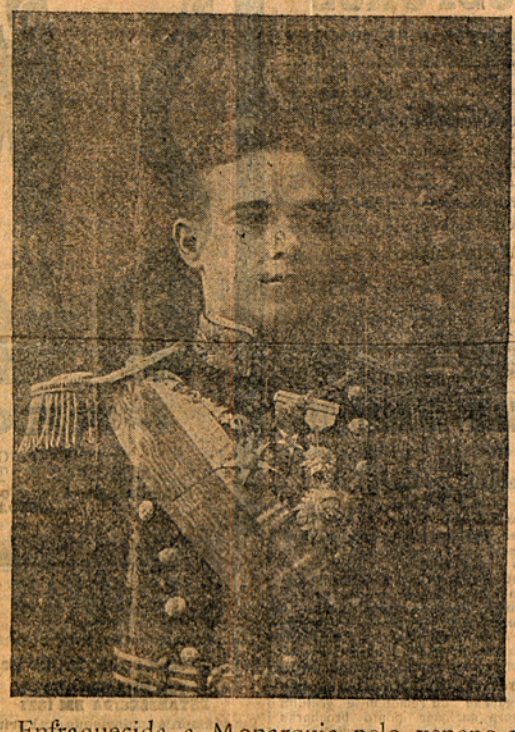
Mas, como sempre, as perseguições crearam odios. Cada vez mais se perseguiam e se vexavam os adversarios que se faziam temer pelo seu fervoroso combate á burla republicana. E foram então essas perseguições e essas violencias, que a nação reputava intoleraveis, que conseguiram crear forças capazes de em Dezembro de 1917 derrubarem uma oligarquia que a oprimia, e colocaram no seu logar uma «nova» republica, com homens diferentes e diferentes processos, embora, no fundo, a republica continuasse a ser a mesma.

Oito anos depois é essa republica que se mantem no poder. Oito anos depois é gente nova que pretende com processos novos reconduzir Portugal a um passado estado de grandeza. Mas o intento é inviavel, porquanto a republica, qualquer que ela seja, é sempre um regimen de desordens internas onde, por consequencia, é impossivel fazer-se uma solida obra de construção. Se se quizer fazer obra nacional terá sobretudo que se pôr de parte a questão da consolidação do regimen novo. Tentar fazer a consolidação é cahir em politiquice de campanario, desprezando mais uma vez a vontade da nação para se fazer a vontade aos partidos. Tentar fazer, ao contrario, politica nacional, é desprezar as clientelas e os partidos com as suas pretenções mesquinhas para se atender unicamente á vontade da nação:

Oito anos depois de outubro de 1910, com uma nova republica onde os homens pretendem ser mais honestos e conscienciosos, nós lembramos ao publico a nefasta obra de negaçeo social que a republica tem feito em Portugal, e que a republica nova inconscientemente tem continuado a realisar. Essa obra porém, como todas as obras nefastas, tem que fatalmente um dia acabar. E então nós veremos, sobre quasi cem anos de pura negação e destruição, muites vezes ainda por cheia de babugens pouco honrosas, do latrocinios e violencias, reflorirem novamente as flores eternas da Monarquia, da Realeza, da Religião!

Augusto da Costa

PARA EL-REI



Enfraquecida a Monarquia pelo veneno corrosivo do Liberalismo, o Senhor D. Manuel foi a ultima victima inocente dos homens de 1820. Subindo ao trono nas mais tragicas circumstancias, S. M. El-Rei mostrou durante o seu curto reinado interrompido «temporariamente» a maior boa vontade e o mais esclarecido espirito. Na madrugada sinistra da Revolução, o Senhor D. Manuel foi dos poucos que souberam cumprir o seu dever. A sua temeridade e a dedicação de alguns bons portuguezes nada conseguiram porém contra a maré da cobardia e da traição! Que Sua Magestade aceite no exilio o npsso juramento de fidelidade e que, ámanhã, restaurada a Monarquia, de alguma cousa sirva á Patria Portugueza a experiencia dolorosa do Liberalismo!

Viva a Patria!

Uma data negra!

Passa hoje mais um aniversario sobre a data infamante em que esta patria entrou acceleradamente no declive. O erro liberalista, infiltração criminosa das más doutrinas no nosso regimen tradicional foi o principal fautor da queda da Monarquia. Enfraquecido o sistema, pasto da corrupção e da intrigalha dos homens que as ideias fizeram maus, a Monarquia precipitou-se logicamente na liquidação.

Perdidas as convicções, sem uma finalidade comum a reuni-los, os homens dos ultimos anos do Constitucionalismo mereceram bem que D. Carlos dissesse entristecido, que Portugal era uma Monarquia sem monarquicos.

As virtudes da raça tinham-se pervertido em quasi um seculo de paz morta, caldeando-se os ultimos escrupulos na fornalha eleiçoeira e na bambochata parlamentar! Tudo fazia prever o desenlace **fatal!**

O unico rei que depois de 1820 soube incarnar-se na sua verdadeira missão foi indiscutivelmente *D. Carlos*.

A pantera republicana preparava já o salto, ajudada pela intriga dos politicos e pelos erros das camarilhas. Mas, Dom Carlos era verdadeiramente um Rei *sem alcunha*, como o povo pedia na alvorada do liberalismo! Os republicanos sabiam perfeitamente que enquanto ele fôsse vivo, a republica não passaria dum sonho! Por isso o assassinaram cobardemente, pelas costas, numa cilada traiçoeira, porque sabiam que se o atacassem de frente encontrariam *alguem!*

Mas, não foram os assassinos os principaes culpados! Culpados fôram os politicos da Monarquia que aos seus interesses pessoaes submeteram o bem do regimen que tinham obrigação de defender; culpados fôram os panegyristas dos criminosos e os que fôram em romagens exaltar-lhes o feito; mas, mais culpados ainda foram aqueles que deixaram impune esse crime hediondo, que se atingiu a Monarquia, ainda feriu mais gravemente a Patria!...

* * *

Moço ainda, rei sahido duma horrivel tragedia, o sr. D. Manuel viu-se apenas rodeado dos assassinos de seu pae! Inexperiente, mas com grande vontade de acertar, por aquela particularidade que só pertence aos Reis e que deriva da identidade do seu interesse com o da nação, D. Manuel seria talvez um grande rei se não tivesse a inutilisar-lhe o esforço o sistema e os homens que haviam causado a morte do seu pae.

A sua boa vontade e a sua orientação quasi instintiva ficaram bem patentes no interesse que lhe mereciam as questões sociaes e o bem estar as classes humildes. Mas, a catastrofe era fatal.

A propaganda republicana crescia de audacia, perante a tolerancia daqueles a quem competia defender o regimen, mas a quem faltava para isso a consciencia dos seus deveres para com a Patria. O constitucionalismo liquidava miseravelmente como miseravelmente triunfara sobre os destroços do exercito portuguez, á sombra infamante da Maçonaria extrangeira!...

* * *

Veio o 5 de Outubro!

Heroes houve, é certo! Vae para esses toda a nossa admiração! E se nos é licito destacar, não podemos deixar de relembrar esses dois homens que depois de arriscarem a vida nos sertões souberam dar aos seus camaradas uma lição de heroica fidelidade: — João Coutinho e Paiva Couceiro!

Mais alguns se portaram de maneira a honrar a farda que vestiam.

A cobardia dos defensores do constitucionalismo encetou a obra. Devia terminá-la a intervenção do embaixador alemão!

* * *

Vindo a Portugal á custa de dois assassinatos e da intervenção interessada do extrangeiro, a Republica tinha de necessariamente de ser o que foi:—uma série prolongada de crimes e de traições!

Fazer o balanço do regimen é compulsar a historia duma quadrilha!

Tudo serviu aos republicanos para satisfazerem os seus fins: desde o roubo ao assassinato, desde a cobardia á traição!

Depois de precipitar Portugal numa sangrenta bambochata fez cair sobre a Nação o flagelo da Fome!

Emquanto agonisava miseravelmente o povo que a fizera, a republica enriquecia vertiginosamente os *parvenus* que dela se apoderaram!

Portugal nestes ultimos oito anos dános a impressão dum cadaver que os abutres espicacem sem dó!

E se queremos avaliar a obra da republica, vejamos:

—Quem a fez? A ingenuidade romantica dos humildes e a ambição calculistas de alguns «menéurs».

¿—Quem lucrou com ela?

Foram os humildes que por ela se bateram desinteressadamente?—Não! Esses fôram por varias vezes perseguidos a tiro em plena rua, sem justificação, e expiam hoje com a fome o mal que inconscientemente fizeram a Portugal!

Quem lucrou com a Republica foi apenas uma minoria pouco escrupulosa que conseguiu haver a força nas suas mãos!

Os que lucraram com ela foram apenas os miseraveis de outrora que hoje passeiam em automoveis caros a sua opulencia de «novos ricos!...»

E já que vimos com quem ela lucrou é justo que vejamos tambem quem com ela perdeu:—a nação, os trabalhadores, as competencias e os homens honrados!

¿Como pode, pois, manter-se um regimen desta natureza?...

* * *

Felizmente, a géração *nova é monarquica* e sabe *porque o é!* A' força do sentimento junta-se tambem a da convicção.

Hoje, já ninguem toma a sério a patacoada grosseira das eleições nem a funçanata rendosa do Parlamento!

Sursum corda! A Mocidade de agora vingará briosamente a afronta que a Portugal fez o seu inimigo interno!

Para que a historia de Portugal rebrilhe impoluta, é necessario arrancar dela a pagina infamante do *5 de Outubro!* A Mocidade Portuguêsa o fará, derrubando com a sua Fé o regimen miseravel que nessa data nasceu!...

João Camillo Felix Correia.

«Sobre a Monarquia»

(Inquerito á geração nova)

Brevemente

Todos os valores positivos da geração nova aqui deporão. Na obra de construção em que nos empenhamos nós não podemos desprezar o concurso de todos aqueles que, embora afastados do nosso movimento por alguns preconceitos sentimentaes, com ele teem, todavia, algumas afinidades intelectuaes.

O inquerito que

Brevemente

«Sobre a Monarquia»

vamos abrir entre a geração nova, virá demonstrar que só a Monarquia sem afinidades com o Liberalismo e com a Democracia poderá empreender uma extraordinaria obra de reconstrução nacional.

Nesse inquerito deporão todas aquelas inteligencias que exuberantemente teem demonstrado a necessidade de se fazer obra positiva. Ele será a demonstração de que só a Monarquia tradicionalista e anti-parlamentar poderá empreender essa obra, como os nossos leitores poderão ver

Brevemente

Comemorando...

Estamos numa estranha republica em que o arbitrio de alto a baixa impera. O cidadão não tem direitos. Só um: ser preso e levar pancada. Nenhuma lei se cumpre, nem aquelas fundamentais que garantem os direitos essenciais: á vida, á liberdade ao bom nome nosso.

A Constituição é uma carabina de policia. A administração é uma série de escandalos. A moralidade é a impunidade dos grandes latrocinios, a consideração oficial aos corruptos. A batota foi erigida em instituição, melhor, numa ara sagrada, em que do superior ao inferior se oficia, se sacrifica.

(D'*O Mundo* de 25 de Setembro de 1918).

A verdade

Estranha republica esta!

. . . . . .

E' a anarquia inspirada pela policia. A facilidade em fazer leis é comparavel á facilidade com que são violadas por aqueles a quem, nas sociedades juridicamente organizadas, incumbe vigiar pela sua execução.

. . . . . .

Sistema de escandalos, precisa que lhe corresponda o silencio daqueles que com intransigente amor a justiça, criticam a obra malfazeja e indigna.

A' objecção não convem a luz forte do dia. Escolhem os criminosos, de preferencia, as sombras da noite, para cometer os crimes e esconder os vestigios.

(*O Mundo* de 25 de Setembro de 1918).

Para comemorar...

Ontem á noite toda a cidade foi sobresaltada por meia duzia de morteiros e foguetorio. Esclarecido o caso, veiu a saber-se que toda aquela festança era para comemorar aquela data a que «O Mundo» já chamou e muito bem a hora da tirania e da Fome. Uma coisa porém temos a notar, para documentar bem o espirito que anima atualmente alguns sindicatos portugueses. O iniciador do foguetorio foi o sindicato ferro-viario cuja séde se encontrava embandeirada como se se tratasse duma data «festiva»...

Ora, se esse sindicato não é diferente dos outros, deve com certeza haver nos seus estatutos uma clausula em que se proiba a sua intervenção na politica. Ora, desde que essa clausula não foi cumprida, o sindicato fogueteiral encontrava-se ontem, manifestamente, «fóra da lei»!

Não é isso porém o que mais nos importa, mas sim o mostrar como o movimento operario português não passa dum instrumento da Maçonaria—o seu peor inimigo!

O entusiasmo fogueteiral dos trabalhadores teve porém como resposta um sarcasmo cruel:—hoje foi raro o ponto da cidade onde se conseguiu arranjar um pão!...—O que naturalmente levará os manifestantes a «engulir»... as canas dos foguetes.

Um desafio!

O orgão do assassino de Newala que tambem o é dos mocinhos da Liga do sr. Quintal desafiava ontem «qualquer miseravel a provar que não foi a Inglaterra que solicitou formalmente do seu velho aliado a cooperação armada no teatro ocidental da guerra».

Ora, como todos sabem, chegou ha dias a Lisboa um folheto de Paulo Osorio—escriba agora ao serviço dos republicanos—em que se negava tambem «formalmente» que nós fôssemos para a guerra por causa da nossa aliada, dizendo-se que tinhamos intervido nela expontaneamente, por nossa vontade propria».

Ora, como ultimamente foi apenas esse folheto que levantou a questão, ensinanos a logica que esse epiteto «de miseravel» é lançado ao escrevinhador republicano...

Mas, como tudo isto é muito grave, mais uma vez perguntamos ao governo se não é possivel publicar-se o «Livro Branco», onde decerto todas estas cousas se esclareceriam!

Pataratas...

A «Republica» de ontem, muito a sério:

A força alemã, a disciplina alemã, o metodo alemão! Como isso tudo ruiu...

Mais uma vez foi o Direito que triunfou sobre a força. Esta guerra é a continuação da revolução francesa, como disse algures um grande espirito. A grande ofensiva dos aliados marca o triunfo definitivo das ideias da revolução.

Contradizer «isto?» Para quê?— Basta apenas dizer que cada palavra deste trecho é uma asneira...

Todos sabem de resto que não foram «o metodo alemão», nem «a disciplina alemã» que faliram antes pelo contrario. E quem o prova são exactamente os aliados que, para conseguirem resistir tiveram de aplicar a si esses ensinamentos.

O que fez com que as tropas aliadas repellissem a ofensiva alemã foi a «unidade de comando» nas mãos de Foch! Qual é a caracteristica principal do metodo alemão? «A unidade de comando!» Já vê pois a «Republica» que tudo quando disse é uma santa pataratá que só consegue udibriar os «marçanotes» da Liga republiqueira!...

Bolsa de Lisboa

Em vista do governo ter revogado o decreto sobre o imposto de guerra, já hoje houve transações na Bolsa de Lisboa.

A falta de pão

Grande numero de fiscaes das subsistencias, percorreu hoje as padarias da capital, aprendendo em algumas pão que estava escondido, o mostrou, mandando manipular pão com a farinha que encontraram.

Com estas deligencias deram-se varios peripecias e incidentes, mas felizmente sem gravidade.

Muitos fiscaes convidaram os populares a assistir a essas deligencias.